

Irmã Francisca - Mocidade

Tema: Problemas - necessidade de combate às causas

Objetivos: Levá-los a perceber, que, não raro, resolvemos um problema criando outro, ou o "empurramos com a barriga"; auxiliá-los na percepção de que é combatendo as causas que vamos achar soluções mais efetivas para nossos percalços; mostrar-lhes que muitos de nossos problemas individuais e sociais são consequência de nossa postura imediatista e apressada.

1. Preparação - música e prece;

2 - introdução:

Sabemos que tínhamos ficado de conversar sobre a polêmica que envolve a redução da maioridade penal. Certamente este seria um tema bastante interessante, mas, ao fim de tudo, poderia tornar-se um debate social bastante elucidativo, mas nada espírita.

O Espiritismo não defende um alheamento das questões sociais, como todos sabemos, entretanto, como estamos em um centro e é uma das poucas oportunidades que temos de discutir os temas à luz da Doutrina Espírita, achamos mais relevante modificar um pouco a tônica do tema sugerido, a fim de fortalecer conceitos doutrinários que já temos e relacioná-los com ele. Com isto, objetivamos uma maior reflexão sobre o assunto em pauta, bem como auxiliá-los no posicionamento perante outros problemas, sejam eles sociais ou pessoais.

3 - Todos estão quase cansados de ouvir que "vivemos em um planeta de provas e expiações". Mas, na prática, o que significa viver em um planeta de provas e expiações?

*Incentivar e comentar respostas. O ideal é ajudá-los a concluir que, essencialmente, viver em um planeta de provas e expiações significa estar quase sempre diante de desafios cuja finalidade é nos amadurecer e promover nosso crescimento. Esses desafios, muitas vezes, aparecem em nossas vidas sob a forma dos problemas; problemas causados por deslizes nossos, nesta ou em outras vidas, ou apresentados a nós como provas. NO fim, as provas incluem a resolução de problemas e muitas das nossas

dificuldades, trazidas de vidas passadas ou conseguidas na presente, devem-se justamente a nossa dificuldade de realmente resolvê-los.

O que nós fazemos quando estamos diante de um problema?

Resolvemo-lo, é natural. Mas qual é o melhor tipo de resolução?

Certamente, é aquele que elimine o problema, que o transforme em aprendizado ou, no mínimo, que o diminua.

Entretanto, muitos de nós somos especialistas em resolver os problemas adiando-os e criando dificuldades ainda maiores.

Em geral, somos seres que não resolvemos bem os nossos problemas e que, freqüentemente, atribuímos a Deus a culpa pelas consequências da nossa incúria.

3.1. O ensinamento cristão e os problemas

Jesus nos aconselhou a construirmos a nossa "casa sobre a rocha", para que, quando venham os ventos e as tempestades, ela não sucumba perante a ferocidade das circunstâncias. Da mesma forma, se não tivermos uma boa lista de prioridades e não soubermos equacionar nossos desafios, seremos esmagados por eles, já que apenas os teremos aumentado, ou lhes adiado a solução.

3.2 - Exemplos de tentativas de resolução de problemas que criam outros:

Ir a sessões mediúnicas para "desenvolver a mediunidade", quando se está com um problema obsessivo; trair um namorado, quando não se gosta mais dele; aceitar fazer algo que para nós é agressivo, só para conservar um namoro; cometer uma ilegalidade para manter um emprego; colar em uma prova; recorrer a empréstimos, depois de gastar mais do que ganhamos; para não revelar nossos erros, utilizarmo-nos de mentiras em um relacionamento.

4 - Como na vida particular, em sociedade, nós dificilmente resolvemos os nossos problemas. Temos uma grande dificuldade em diferenciar os efeitos das causas e tentamos atacar os efeitos, porque ir atrás das causas e combatê-las dá muito trabalho. Em certas situações, até temos o conhecimento das causas, mas preferimos não atacá-las, por aparentemente ser mais fácil lutar contra os efeitos, como faz um comilão que sabe que vai passar mal, mas pensa que depois pode tomar um remédio e pronto. Se

temos uma doença física e, não buscando as causas, tomamos remédio para minorar os efeitos, eles desaparecem provisoriamente, mas o problema não se resolve. É rotineira a prática do "empurrar com a barriga", que inevitavelmente nos traz problemas maiores. Se vamos adiando a busca de solução para uma dada dificuldade, ela vai se juntando a outras, o que aumenta sua complexidade.

Faz-se necessário pensarmos no que provoca os problemas, ao invés de nos lançarmos loucamente no combate aos males causados por eles.

É a busca apreçada de soluções miraculosas para os problemas que faz com que se tente eliminá-los através do combate aos efeitos.

Vemos pessoas lutando pela legalização do aborto, não pela diminuição de gravidezes prematuras e indesejadas e de relacionamentos sem alicerce afetivo; observamos pessoas defendendo a legalização das drogas, e não o combate dos motivos que levam as pessoas a se drogarem; notamos o esforço de muitos pela diminuição da maioridade penal, sem que se procure entender porque meninos e meninas cometem crimes que espantam até a polícia.

Todas estas questões - aborto, liberalização das drogas e maioridade penal - surgiram à partir de efeitos cujas causas ainda estamos longe de entender totalmente e solucionar.

O legislativo, se decidir legalizar os itens acima, fará exatamente o que a maior parte do povo faz no seu dia-a-dia: tentará resolver problemas criando outros.

5 - No caso específico da diminuição da maioridade penal, temos alguns aspectos muito importantes a analisar:

* não existem cadeias suficientes para os que já estão presos, menos ainda para os foragidos e menos ainda para os menores infratores. Logo, a diminuição da maioridade penal tornaria ainda mais problemático o sistema prisional brasileiro, se não houvesse um maciço investimento na construção de novos presídios, o que dificilmente ocorreria;

* Hoje, menores infratores ficam, no máximo, três anos nas chamadas instituições de reabilitação e, se for diminuída a maioridade penal, jovens de dezesseis e dezessete anos passarão a ser julgados como os hoje considerados maiores, de maneira que poderão ter penas mais longas. não praticarão os adolescentes menos crimes se as punições forem

teoricamente maiores, por saberem que, no Brasil, normalmente, as leis não são cumpridas. O que intimida um criminoso em potencial não é o tamanho da pena, mas a garantia de que ela vai ser aplicada, de forma que a certeza de que se passará dois anos na cadeia é mais efetiva para evitar um ato ilícito que a remota probabilidade de se estar preso por dez. É a impunidade, não o tamanho da pena, que aumenta a ocorrência de crimes.

* No Brasil, existem muitas casas de "correção de menores". Se a maior parte deles tornam à criminalidade após de lá terem saído, é de se contestar a sua eficácia, não o fato de os jovens infratores não estarem em uma cadeia. Sabe-se que tais instituições para menores funcionam, não raras vezes, como verdadeiras escolas do crime, enquanto os presídios podem ser considerados, da forma como são hoje, "universidades da criminalidade". Existem muitos mais argumentos que apontam o aumento da maioridade penal como um subterfúgio para iludir a sociedade e ao próprio governo.

Em momentos de comoção popular, como a suscitada após o brutal assassinato do menino João Hélio, é comum o governo querer dar uma satisfação à sociedade, algo que possa aplacar sua sede de mudança, de solução. Entretanto, questões complexas como a criminalidade não se resolvem com medidas desesperadas e, na prática, pouco efetivas.

5.1. A única forma viável de resolver verdadeiramente esta questão é investir na prevenção das causas que provocam esta criminalidade absurda, bem como na reeducação moral e na reabilitação social dos infratores. Também é indispensável uma profissionalização adequada dos nossos jovens, assim como dos detentos.

Além disso, não basta apenas cuidar que os criminosos fiquem nas cadeias; há que se observar o que eles farão nelas e se será útil o tipo de experiências que protagonizarão lá.

O investimento, da parte de governos e sociedade, em uma educação que ensine a pensar, em lazer, cultura e esporte fará muito mais pela diminuição da criminalidade que a redução da maioridade penal. É preciso, mais do que nunca, investigar a fundo as causas do cometimento de crimes. A desagregação familiar a que estamos assistindo contribui em muito para o quadro de violência que nos aterra.

Indispensável se torna empreender os maiores esforços para dar ao maior número de pessoas acesso a uma educação moral, a princípios religiosos e ao amor real, advindo do Criador e que pode ser manifesto por todos nós, instrumentos de seus desígnios.

(enviado por Vinícius e Esposa - participantes da sala Evangelize CVDEE)